

## **A LITERATURA DISTÓPICA INFANTO-JUVENIL COMO UM ESPAÇO PARA DISCUSSÕES FORA DO ESPAÇO ACADÊMICO:**

um ensaio sobre a crise das humanidades e o papel do gênero literário distópico no Brasil

*Luana de Carvalho Krüger  
Eduardo Marks de Marques*

**Resumo:** Com a ascensão do governo de Bolsonaro, evidenciou-se que as humanidades estão enfrentando um período de grande desvalorização. Entendido por muitos como estudos inúteis e/ou de difícil compreensão, as áreas de humanas parecem perder cada vez mais o seu espaço frente aos estudos tecnicistas e/ou de exatas, tanto dentro do espaço acadêmico como fora dele. Em contrapartida, observa-se que discussões acerca de questões políticas, sociais e culturais permanecem presentes em outros meios, sendo o abordado neste artigo, a literatura distópica infanto-juvenil. A partir da discussão de Marjorie Perloff (2005) acerca da crise das humanidades em uma perspectiva estadunidense, propõe-se uma análise acerca da influência da literatura distópica infanto-juvenil no Brasil para permanência de debates humanísticos em espaços não acadêmicos, como uma forma de reinventar os modos de discussão a partir do viés literário. Para tanto, será discutida a influência no atual governo para a desvalorização desse ensino, bem como os outros meios de tornar essas discussões possíveis em espaços menos elitizados, utilizando autores que tratam do gênero distópico, principalmente Claves (2010), bem como fontes que permitem observar a ascensão do gênero no país. Conclui-se que a literatura distópica infanto-juvenil possui um papel importante na formação dos novos leitores brasileiros.

**Palavras-chave:** distopia; literatura distópica infanto-juvenil; humanidades, governo Bolsonaro.

## **THE YOUNG ADULT DYSTOPIAN LITERATURE AS A SPACE FOR DISCUSSIONS OUTSIDE THE ACADEMY:**

an essay on the crisis of the humanities and the role of dystopian literary genre in Brazil

**Abstract:** With the rise of Bolsonaro's government, it became evident that the humanities are facing a period of great devaluation. Understood by many as useless and / or hard studies, the humanities seem to lose their space in the face of technical studies both in the academic area and outside of it. On the other hand, it is observed that discussions about political, social and cultural issues remain present in other medias, with the one addressed in this article, the young-adult dystopian literature. Based on the discussion by Marjorie Perloff (2005) about the crisis of the humanities in an American perspective, an analysis is proposed about the influence of young-adult dystopian literature in Brazil for the permanence of humanistic debates in non-academic spaces, as a way of reinvent the modes of discussion from a literary perspective. To this end, the influence on the current government to devalue this studies will be discussed, as well as the other means of making these discussions possible in less elite spaces, using authors who deal with the dystopian genre, mainly Claves (2010), as well as sources that allow to observe the rise of gender in the country. It is concluded that dystopian literature for young-adults has an important role in the formation of new Brazilian readers.

**Keywords:** dystopia; young-adult dystopian literature; humanities; Bolsonaro's government.

## LA LITERATURA DISTÓPICA INFANTIL-JUVENIL COMO ESPACIO DE DEBATE FUERA DEL ESPACIO ACADÉMICO:

un ensayo sobre la crisis de las humanidades y el papel del género literario distópico en Brasil

**Resumen:** Con el ascenso del gobierno de Bolsonaro, se hizo evidente que las humanidades se enfrentan a un período de gran devaluación. Entendido por muchos como estudios inútiles y / o de difícil comprensión, las humanidades parecen perder cada vez más su espacio ante los estudios técnicos y / o exactos tanto dentro del espacio académico como fuera de él. Por otro lado, se observa que las discusiones sobre temas políticos, sociales y culturales siguen presentes en otros medios, siendo el que se aborda en este artículo, la literatura distópica para niños y adolescentes. A partir de la discusión de Marjorie Perloff (2005) sobre la crisis de las humanidades en una perspectiva estadounidense, se propone un análisis sobre la influencia de la literatura infantil distópica en Brasil para la permanencia de los debates humanistas en espacios no académicos, como una forma de reinventar los modos de discusión desde una perspectiva literaria. Para ello, se discutirá la influencia del actual gobierno para devaluar esta enseñanza, así como los otros medios para hacer posible estas discusiones en espacios menos elitistas, utilizando autores que abordan el género distópico, principalmente Claves (2010), así como fuentes que permitan observar el auge del género en el país. Se concluye que la literatura distópica para niños y adolescentes tiene un papel importante en la formación de nuevos lectores brasileños.

**Palabras clave:** distopía; literatura distópica para niños y adolescentes; humanidades; Gobierno de Bolsonaro.

### INTRODUÇÃO

A desvalorização do ensino de humanidades em escolas é algo presente na sociedade brasileira. Além disso, a própria desvalorização do estudo dessas áreas em universidades brasileiras também é evidente, seja pelo pouco incentivo à pesquisa, seja pelo entendimento de que tais profissões e discussões são menos relevantes – quando não relevantes – para o futuro do país. Essa afirmativa, por mais assustadora que possa parecer, não é novidade para os estudantes e profissionais de tais áreas e, apenas, mais intensificada desde a posse do atual presidente da república, Jair Messias Bolsonaro. Com isso, há um constante esforço para demonstrar que há uma relevância para tais estudos, bem como uma necessidade política, social e cultural para que eles existam e aconteçam mais amplamente possível.

Em contrapartida, observa-se que há uma tendência de fechar certos espaços, ainda que em sua grande maioria exista um discurso de maior acesso a tais discussões, há também uma cultura elitista de conhecimento que não se flexibiliza para que novos pensadores surjam dentro dos espaços acadêmicos e que novas propostas de arte também avancem para tais discussões. Esta é uma afirmação perigosa, mas duvida-se que os estudantes das áreas de humanas não tenham notado o quanto é difícil defender um ponto de vista sem enaltecer os pensadores que seu programa defende e/ou trazer obras literárias que fujam das clássicas e/ou conceituadas na academia, ou ainda que seja facilmente trabalhado obras contemporâneas em escolas sem que a pressão dos vestibulares não surja exigindo a leitura dos clássicos.

Se por um lado, tratar das humanidades na sociedade contemporânea parece ser algo delicado, trazer seu valor e suas discussões é mais ainda. De todos os lados, o que parece evidente é que não há meios para que esse espaço resista e/ou volte a ser respeitado e consolidado

amplamente pela sociedade – se é que algum dia, evidentemente, o foi. Logo, assim como Marjorie Perloff (2005, p. 668) defende, há uma crise nas humanidades e há necessidade de procurar alguns meios para que as discussões presentes nesses espaços sejam renovadas, revistas e reiniciadas de uma forma mais atrativa, ganhando relevância em espaços fora da universidade e atingindo diferentes públicos, gerando um novo significado para a relação entre humanidades e indivíduos.

Um dos meios possíveis está na literatura que, independentemente do gênero, consegue dialogar com questões de cunho histórico, social, poético entre outros pelo uso da linguagem e dentre os inúmeros gêneros literários, destaca-se para este ensaio a distopia. As narrativas distópicas estão sendo discutidas de forma mais presente desde o século XX. Segundo Gregory Claeys (2010) “isso é ilustrado com uma breve introdução aos textos-chave que definem o gênero, inicialmente por H. G. Wells, mas mais especialmente por Aldous Huxley, com *Admirável Mundo Novo*, e George Orwell, com *1984* [...]” (CLAEYS, 2010, p. 109, tradução nossa)<sup>1</sup>. O pesquisador ainda diz que: “o termo ‘distopia’ entra em circulação apenas no século XX, embora apareça de forma intermitente de antemão (dis-topia ou ‘cacotopia’, lugar ruim, tendo sido usado por John Stuart Mill em um debate parlamentar de 1868).” (CLAYES, 2010, p. 107, tradução nossa)<sup>2</sup>

Apesar disso, percebe-se que um maior número de publicações distópicas, em muitas livrarias do Brasil, ficam na sessão infanto-juvenil e, em muitos casos, sendo vendidos como *best-sellers*. Há um movimento que torna a literatura distópica com foco central nos jovens revolucionários e ainda que vendida como uma literatura para um público jovem-adulto não reduz as complexidades temáticas abordadas nas distopias clássicas. Ainda que haja obras aclamadas pela crítica, como *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley e *Fahrenheit 451* (1958), de Ray Bradbury, as narrativas que ganham o público jovem não são as que são reconhecidas como clássicas. No espaço universitário, quando as distopias clássicas entram no grupo de obras selecionadas são por meio de um professor e/ou projeto que propõe discutir tal gênero, ainda assim há uma resistência em trazer as obras publicadas recentemente, como a série *Jogos Vorazes*, de Suzanne Collins, e a trilogia *Divergente*, de Veronica Roth, pois há uma tendência a acreditar que tais obras não possuem uma literariedade relevante para as discussões acadêmicas<sup>3</sup>.

A literatura distópica, por sua vez, traz discussões acerca do estado político, social, biológico, entre outros, da sociedade contemporânea. “O termo é usado aqui no sentido amplo de retratar visões negativas viáveis do desenvolvimento social e político, expressos principalmente na forma ficcional.” (CLAEYS, 2010, p. 109, tradução nossa)<sup>4</sup>. Com um foco, em especial, no ocidente e com uma ampla abordagem sobre os problemas que a população enfrenta, trazendo a discussão para o espaço ficcional que foge dos padrões da alta literatura defendida por inúmeros programas de literatura em universidades, mas que invade os espaços virtuais, as livrarias e, talvez o mais importante, acessa a cultura jovem. Basta observar que as distopias contemporâneas que viraram filmes, levaram inúmeros jovens aos cinemas, como a saga *Jogos Vorazes* e *Divergente*, o que foge da tendência de seleção de obras acadêmicas, bem como das distopias clássicas.

Pensando na relação entre crise das discussões nas áreas de humanidades e do aumento no número de publicações de obras pra jovens e adultos que propõem discussões políticas e sociais é que esse trabalho surge, com o objetivo de trazer o debate sobre a importância das distopias para

---

<sup>1</sup> Do original: *This is illustrated by offering a brief introduction to the key texts which define the genre, initially by H. G. Wells, but more especially Aldous Huxley's Brave New World and George Orwell's Nineteen Eighty-Four [...].*

<sup>2</sup> Do original: *The term 'dystopia' enters common currency only in the twentieth century, though it appears intermittently beforehand (dystopia or 'cacotopia', bad place, having been used by John Stuart Mill in an 1868 parliamentary debate).*

<sup>3</sup> Salvo alguns casos, percebe-se o quanto a literatura contemporânea, mais especificamente a literatura distópica e/ou de ficção científica é estigmatizada nos centros universitários. Atualmente, percebe um movimento que procura mudar tal perspectiva, no entanto, ainda é evidente a resistência acadêmica a esses gêneros literários.

<sup>4</sup> Do original: *The term is used here in the broad sense of portraying feasible negative visions of social and political development, cast principally in fictional form.*

jovens-adultos como um meio de inserir discussões pertinentes acerca dos problemas políticos, sociais e ambientais que estão acontecendo. Assim, tirando o foco dos espaços acadêmicos como o centro das problematizações de tais assuntos e tornando mais acessível discussões relevantes para essa geração, além de trazer para um público, não necessariamente acadêmico, o debate sobre tais problemas, passando por uma contextualização que procura entender os motivos de uma procura maior por obras distópicas no Brasil, bem como a publicação de tais obras para o público jovem-adulto.

## A DISTOPIA DE UNS É A UTOPIA DE OUTROS: HUMANIDADE EM CRISE

Tratar sobre a crise nas humanidades pela perspectiva da pesquisadora Marjorie Perloff (2005) é falar sobre uma certa crise dentro do espaço acadêmico, em que não há mais espaço para as discussões tratadas por essa área, bem como um excesso de desvalor de tal abordagem, não só dentro do espaço acadêmico, como fora dele. Se a autora aponta incongruências na própria definição de humanidades, de certa forma, também coloca o peso desse problema na própria academia e no modo de formação desses profissionais:

[...] quanto mais investigamos a questão das "humanidades", mais aparente se entende que, enquanto as escolas de engenharia ou departamentos de economia têm um mandato específico, o guarda-chuva "humanidades" - [...] as disciplinas incluídas são história, filosofia, religião, os vários departamentos de língua e literatura, história da arte, drama e musicologia - permanece amorfo. (PERLOFF, 2005, p. 668, grifos da autora, tradução nossa)<sup>5</sup>

Coloca-se nesta discussão algo que dialoga com o texto e coloca em perspectiva a realidade brasileira, além de viabilizar a discussão sobre o conceito de distopia e a relação entre ficção e realidade: o presidente do Brasil e seus seguidores. É verdade que se está falando de um sistema educacional distinto e que o modo como as humanidades são trabalhadas nas universidades brasileiras possui uma abordagem que difere em relação ao modo como os conteúdos são apresentados nas universidades estadunidenses. De certa maneira mais segmentado, mas também mais direcionado a uma formação mais palpável. Os meios de comparação desse ensaio, se pensados a partir de uma perspectiva de semelhança no ensino, não seria compatível com as discussões propostas, no entanto, ainda que sejam sistemas diferentes e que, portanto, a crise se manifeste de forma distinta, não se nega a existência de uma crise que pela diferença também se corresponde. Na citação abaixo, nota-se tanto sobre modo de separação dos estudos nos EUA, como o quanto lá o ensino também possui algumas falhas em sua aplicabilidade:

Considerando que as ciências sociais [...] ensinam "teorias e técnicas para a análise de questões sociais específicas", e as ciências "duras" preparam os alunos para se tornarem os "líderes" em nossa sociedade cada vez mais tecnológica, as humanidades "expõem" os alunos às "dimensões éticas, estéticas e intelectuais

---

<sup>5</sup> Do original: [...] the more we probe the "humanities" question, the more apparent it becomes that, whereas schools of engineering or departments of economics have a specific and mandate, the "humanities" umbrella—[...] the disciplines included are history, philosophy, religion, the various language and literature departments, art history, drama, and musicology - remains amorphous.

da experiência humana”. (PERLOFF, 2005, p. 669 grifos da autora, tradução nossa)<sup>6</sup>

Acredita-se que, acerca da definição e aplicabilidade das ciências humanas no ensino brasileiro, estejamos para além de uma mera exposição. Seja pela construção dos cursos no Brasil, seja pelo número de formação de professores das áreas de humanas, artes e linguagens, compreendo que a aplicabilidade dessas diferentes vertentes do conhecimento seja mais palpável, além de estarem para além da mera exposição de conteúdo. No entanto, a crise das humanidades brasileira passa pelo processo de queda quanto a investimentos no sistema educacional, de nível básico e superior, principalmente, em relação às pesquisas na área de humanas, letras e artes, que é constantemente reduzido, beneficiando somente os estudos acerca de áreas tecnológicas. Em uma reportagem da BBC News – Brasil, de 30 de junho de 2019, ou seja, antes de toda crise mundial na saúde, a educação no Brasil já sofria grandes golpes.

A partir do final de abril, a atenção do país se voltou ao orçamento do MEC, a partir da declaração de Weintraub de que seriam cortadas as verbas de universidades federais que não tivessem desempenho satisfatório e promovessem "balbúrdia" nos campi. [...]

No total, segundo o MEC, estão contingenciados atualmente R\$ 5,8 bilhões do orçamento de áreas diversas da pasta.

[...] a Capes (fundação vinculada ao MEC que concede bolsas de pós-graduação) anunciou em maio cortes em seu orçamento, o que gerou novas críticas da comunidade acadêmica, ante o grande impacto potencial da medida sobre a produção acadêmica do país. (BBC NEWS – BRASIL, 2019)

Nessa mesma perspectiva, agora mais voltado para os cortes nas áreas de humanas, artes e linguagens, observa-se que no último edital para concessão de bolsas, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pedia-se que os projetos deveriam estar vinculados às áreas de tecnologia. Ainda que se entenda a necessidade dos avanços em pesquisas nas áreas de tecnologias, observa-se que esse tipo de exigência para submissão de projetos faz com que inúmeras áreas de humanidades sejam inibidas de concorrer. No portal do CNPQ, ao acessar o edital 09/2020 - Bolsas de Produtividade em Pesquisa - PQ, lê-se:

São objetivos desta chamada:

- a) valorizar pesquisadores que possuam produção científica, tecnológica e de inovação de destaque em suas respectivas áreas do conhecimento;
- b) incentivar o aumento da produção científica, tecnológica e de inovação de qualidade;
- c) selecionar projetos de pesquisa que sejam propostos considerando o rigor e o método científico, bem como outros conceitos fundamentais para a produção do conhecimento científico. (CNPq, EDITAL 09/2020, p. 01)

---

<sup>6</sup> Do original: *Whereas the social sciences [...] teach “theories and techniques for the analysis of specific societal issues,” and the “hard” sciences prepare students to become the “leaders” in our increasingly technological society, the humanities “expose” students to the “ethical, aesthetic, and intellectual dimensions of human experience.”*

Nos critérios de avaliação, há exigências que explicitam com bastante rigor a importância do envolvimento da pesquisa com aspectos tecnológicos como fatores de pontuação e seleção do projeto. Entre eles: “Mérito científico, originalidade e relevância do projeto para o desenvolvimento científico e tecnológico do País, considerando seus potenciais impactos, aplicabilidade e caráter inovador.” (CNPq, EDITAL 09/2020, p. 05)

Além disso, algo ainda mais presente são as manifestações do presidente acerca da realidade brasileira. Jair Bolsonaro, em uma de suas declarações mais recentes, para Organização das Nações Unidas (ONU), disse, leia abaixo, que os problemas ambientais no Brasil não são tão presentes quanto imagina-se e, além disso, defendeu o agronegócio como algo que deve ser preservado e que não causa danos ao meio ambiente.

Nosso agronegócio continua pujante e, acima de tudo, possuindo e respeitando a melhor legislação ambiental do planeta.

Mesmo assim, somos vítimas de uma das mais brutais campanhas de desinformação sobre a Amazônia e o Pantanal.

A Amazônia brasileira é sabidamente riquíssima. Isso explica o apoio de instituições internacionais a essa campanha escorada em interesses escusos que se unem a associações brasileiras, aproveitadoras e impatrióticas, com o objetivo de prejudicar o governo e o próprio Brasil. (SITE DO GOVERNO FEDERAL, 2020)

Ainda que no Brasil existam muitas pessoas que defendam o agronegócio, inclusive constantemente anunciado por uma das maiores emissoras televisivas com suas propagandas informativas, Rede Globo, não há preservação e manutenção do solo, rios e meio ambiente de uma forma geral que mantenha suas condições naturais e límpidas com o uso constante de agrotóxicos para que haja uma rentabilidade para o produtor e um avanço na economia brasileira, fator que parece, inclusive, ser a única preocupação do atual governo.

O discurso distópico parece continuar quando ele utiliza desse mesmo espaço para culpar os índios pelas queimadas que ocorreram no Pantanal, deixando o meio ambiente a cargo de autoridades que não se preocupam com o meio ambiente, mas com o agronegócio, e culpando a comunidade indígena, negligenciando seu conhecimento e saberes.

Nossa floresta é úmida e não permite a propagação do fogo em seu interior. Os incêndios acontecem praticamente, nos mesmos lugares, no entorno leste da Floresta, onde o caboclo e o índio queimam seus roçados em busca de sua sobrevivência, em áreas já desmatadas.

Os focos criminosos são combatidos com rigor e determinação. Mantenho minha política de tolerância zero com o crime ambiental. Juntamente com o Congresso Nacional, buscamos a regularização fundiária, visando identificar os autores desses crimes. (SITE DO GOVERNO FEDERAL, 2020)

Além disso, ele coloca em seu discurso a crítica acerca do governo venezuelano e boliviano, o que – de certa forma – entende-se que haja críticas, todavia, observa-se que não são tais governos aqueles que afetam diretamente as relações de política externa no Brasil, e que, dentro de uma perspectiva neoliberal seria evidente que o atual presidente não falaria negativamente sobre o governo americano (SITE DO GOVERNO FEDERAL, 2020). Não menos importante, mas talvez mais assustador, é sua fala acerca do combate à COVID-19, que inclusive está no início do

seu discurso, mas que se apresenta somente no parágrafo citado abaixo e que evidencia o quanto a preocupação para um discurso da ONU não diz quase nada sobre as próprias preocupações da ONU, dizendo que:

A COVID-19 ganhou o centro de todas as atenções ao longo deste ano e, em primeiro lugar, quero lamentar cada morte ocorrida.

Desde o princípio, alertei, em meu País, que tínhamos dois problemas para resolver: o vírus e o desemprego, e que ambos deveriam ser tratados simultaneamente e com a mesma responsabilidade. (SITE DO GOVERNO FEDERAL, 2020)

Em um momento histórico em que o mundo fica recluso para tentar salvar o maior número de vidas, o mesmo presidente que diz preocupar-se com o vírus é também aquele que não foi exemplo de cuidado com as medidas de distanciamento social, muito menos preservação da vida. Além disso, defendeu o uso de medicamentos não aprovados no Brasil para o combate ao vírus. Ressalta-se que não cabe em um ensaio tudo aquilo que já foi dito e realizado desastrosamente pelo atual presidente, mas acredita-se que é possível relacionar, até agora, a desvalorização do ensino nas áreas de humanas, letras e artes no Brasil intensificada no seu governo, bem como o nível de distopia vivido quando tais discursos são aceitos por maior parte da população.

## **DELIMITAÇÃO CONCEITUAL: UTOPIA E DISTOPIA**

Depois de uma breve contextualização do impacto do atual governo na sociedade brasileira, será contextualizada tal discussão com a distopia. Dentro dos estudos distópicos, entende-se distopia como a sociedade que não deu certo, em muitos casos imposições políticas, decisões equivocadas, avanços tecnológicos descontrolados e a abstenção de apontamentos éticos geram uma sociedade que se torna restrita ao entendimento do que é cultura, acesso à arte, ao direito e liberdade dos cidadãos, à qualidade e assistência aos trabalhadores. Uma sociedade distópica, portanto, é um meio que apresenta inúmeros problemas para a população, em muitos casos gerados por imposição do governo e por aceitação de uma parcela da sociedade que acredita que aquelas são as melhores decisões. E se hoje é possível observar inúmeras diferenças sociais em uma “democracia” que procura velar problemas, em uma sociedade distópica isso é visível e, de certa forma, bastante aceito socialmente. Sobre a distopia:

[...] suas duas características principais, a engenharia socialista do comportamento humano por meio da reconstituição da sociedade; e a engenharia eugênica do comportamento humano por meio da manipulação biológica foram amplamente vistas como desenvolvimentos positivos e negativos [...] Seu tema comum é a quase onipotência de um monolítico, estado totalitário demandando e normalmente exigindo obediência completa de seus cidadãos, desafiado ocasionalmente, mas de forma geral e infelizmente marcada pelo individualismo atrofiado por individualismo vestigial ou falhas sistêmicas, e contando com dados científicos e avanços tecnológicos para garantir o controle social. (CLAEYS, 2010, p. 109, tradução nossa)<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Do original: [...] *that its two major features, the socialist engineering of human behaviour via the reconstitution of society; and the eugenic engineering of human behaviour via biological manipulation, were viewed widely as both positive and negative developments. [...] Their common theme is the quasi-omnipotence of a monolithic, totalitarian state demanding and normally exacting complete obedience from*

As obras distópicas citadas tratavam acerca desses estados totalitários e de regimes de muito controle e restrição dos indivíduos. Atualmente a defesa de um espaço neoliberal, dentro da política brasileira – para não falar mundialmente –, parece ser a distopia viva. Observa-se que dentro do discurso neoliberal há uma defesa da educação básica, por exemplo, que usa como saída a redução dos custos nas universidades. Ao tratar de empregos, essa posição política prevê uma redução expressiva dos direitos trabalhistas, entre outras coisas que parecem evidenciar que se os defensores dessa proposta política de fato querem o bem de algo, certamente não é o do assalariado.

A utopia, em contrapartida, seria uma sociedade perfeita. Que funciona. Uma sociedade onde todos possuem o seu espaço, todos têm o seu lugar e que cada um desempenha o seu papel. Termo que normalmente é lembrado pelo livro de Thomas More, mas que “certamente não pode ser reduzido à história da palavra cunhada por Thomas More em 1516 para batizar a ilha descrita em seu livro.” (VIEIRA, 2010, p. 03, tradução nossa)<sup>8</sup> trata-se de um modelo a ser seguido pela sociedade que almeja dias melhores, ou ainda:

[...] o conteúdo da sociedade imaginada (ou seja, a identificação dessa sociedade com a ideia de 'lugar bom', noção que deve ser descartada por se basear em uma concepção subjetiva do que é ou não desejável, e concebe a utopia como essencialmente em oposição à ideologia prevalecente); [...] o desejo de uma vida melhor, causada por um sentimento de descontentamento com a sociedade em que se vive (a utopia passa a ser vista como uma questão de atitude). (VIEIRA, 2010, p. 06, tradução nossa)<sup>9</sup>

A pergunta é: isso não parece presente no discurso do atual governo? Sim, esse governo traz no seu discurso a ideia de uma melhora na economia, da exclusão de atividades não rentáveis e do uso da força de trabalho sem direitos como um impulsionamento social. Esse governo não fala de cultura. Fala de educação unicamente tecnológica, de “gado”. A outra pergunta é: essa sociedade parece mesmo perfeita? Sim, se – e somente se – olhado por um ângulo torto, ou para números. A distopia apresenta exatamente essas sociedades e mostra que se olharmos ao lado, não há perfeição. E que a perfeição em grande escala, tem um alto preço individual.

Um dos pontos evidenciados pelas obras distópicas, sejam as clássicas e ou contemporâneas é que não há um entendimento de todos os personagens em relação ao meio que me vivem. Em *Jogos Vorazes*, por exemplo, a população que vive na capital se diverte com os jogos, acredita que a morte e a disputa de crianças pela sobrevivência é puro entretenimento. Em *Admirável Mundo Novo*, a título de outro exemplo, ninguém questiona o sistema de castas e a diferença de direitos e deveres de cada grupo social. Nas obras distópicas, entende-se que a própria sociedade é quem permite a restrição de direitos e de qualidade de vida. Sim, os personagens parecem vendados. Sim, a população brasileira que elegeu o presidente segue vendada. Logo, assume-se que o que é distopia para certo grupo, não é para outro. O que destrói uma parcela da sociedade, fortalece outra. E não é irônico pensar em um aumento de uso do termo distopia, muito menos no maior número de

---

*its citizens, challenged occasionally but usually ineffectually by vestigial individualism or systemic flaws, and relying upon scientific and technological advances to ensure social control.*

<sup>8</sup> Do original: [...] *utopia can certainly not be reduced to the history of the word coined by Thomas More in 1516 to baptize the island described in his book.*

<sup>9</sup> Do original: [...] *the content of the imagined society (i.e., the identification of that society with the idea of 'good place', a notion that should be discarded since it is based on a subjective conception of what is or is not desirable, and envisages utopia as being essentially in opposition to the prevailing ideology); [...] the desire for a better life, caused by a feeling of discontentment towards the society one lives in (utopia is then seen as a matter of attitude).*



publicações acerca do tema – seja no meio acadêmico, seja em literatura – quando se vive essa realidade.

No Brasil, por exemplo, ainda que não necessariamente para um público infanto-juvenil, duas distopias foram lançadas para discutir aspectos ambientais e políticos. Não parece distante a necessidade de discussão de tais tópicos, tendo em vista as manchetes acerca tanto das decisões políticas tomadas no atual governo em relação à educação, à saúde e às questões ambientais. Em *Sob os pés, meu corpo inteiro* (2018), de Márcia Tiburi, somos apresentados ao caos em São Paulo, lugar onde a arte perdeu o seu valor, todos os muros foram pintados de cinza, há uma escassez de água, a qualidade de vida das pessoas é completamente ignorada, principalmente daqueles que não possuem recursos financeiros. O Brasil sofre as consequências do desmatamento, da poluição. Já em *Corpos Secos* (2020), uma obra escrita à oito mãos, um vírus causa consequências assombrosas em uma população, matando muitos e colocando a vida de tantos outros em perigo, uma relação direta com o COVID-19 e que mostra o quanto o não controle de uma doença pode gerar inúmeros outros problemas em grande escala na sociedade. Tais obras – apesar de pertinentes – não atingem o mesmo nível de alcance do que as obras distópicas para o público infanto-juvenil, como *Divergente*, *Feios* e *Jogos Vorazes*. Provavelmente, por questões de divulgação e marketing tais obras não consigam atingir um maior número de leitores, além disso elas não possuem os jovens revolucionários como centro e foco, o que poderia – de certa forma – não atrair tanto o público jovem-adulto.

As referências e críticas ao governo nacional, bem como aos governos de alguns estados que estão sucateando a cultura, a educação e o meio-ambiente é presente nessas obras que encontram no gênero distópico um meio de alertar para tais aspectos e mostram pelo meio literário a denúncia que, atualmente, é censurada por algumas mídias e minimizadas nos canais televisivos. Nessa perspectiva, volta-se para a discussão de que o distópico para uns é o utópico de outro. Não parece haver discussão e/ou dúvida dos ideais e valores do presidente, ainda que ele acabe agredindo grande parte da população, minimize conquistas sociais e políticas fundamentais para o país e reintegre valores do século XIX. Não há, portanto, como não observar os espaços de discussão das humanidades como desvalorizado e em crise. Talvez a pergunta que permeie em todos aqueles que tratam desses temas é onde foi que tudo desandou, que todas as discussões se tornaram irrelevantes a ponto de permitir que o inimaginável acontecesse. Dentre alguns ensaios de resposta, o que Marjorie Perloff (2005, p. 678) aponta é que talvez seja pelo espaço literário que tais discussões possam ser retomadas e é sobre isso que o capítulo seguinte será debruçado.

## **A LITERATURA DISTÓPICA INFANTO-JUVENIL: UMA NOVA ABORDAGEM, UM NOVO PÚBLICO, UMA NOVA ACADEMIA**

A literatura distópica tem uma vasta produção, obras consagradas como *Admirável Mundo Novo*, de Huxley e *1984*, de Orwell, citadas por Claeys (2010) que, ainda que tragam discussões cada vez mais atuais (mesmo produzidas há muito tempo atrás), também propõem uma discussão em ciclos da história, não são a procura inicial dos jovens leitores de literatura distópica. Ainda que muitos acabem chegando nas obras distópicas clássicas, o primeiro contato parece se dar através dos *best-sellers* distópicos atualmente produzidos:

Nos últimos anos, assistimos a uma produção de distopias sem precedentes – principalmente distopias voltadas para o público infanto-juvenil. Não somente a literatura foi palco para esse fenômeno, mas também os cinemas, que lançavam periodicamente adaptações dessas obras para as telas ao redor do mundo. Muitas dessas distopias carregavam consigo elementos das distopias clássicas,

frequentemente representando modelos sociopolíticos sólidos – modelos de um Estado forte, com claros pontos e valores de referência, em contraste com o enfraquecimento do Estado [...] (CERQUEIRA, 2017, p. 4922)

Distopias infanto-juvenis, principalmente, com a ajuda da produção cinematográfica atingem um número alto de público que acaba tendo contato com a obra literária. Há também aqueles que primeiramente conhecem a obra, que por sua vez traz preocupações com a capa para torná-la atrativa para o público jovem-adulto. Ainda assim, observa-se que elas trazem histórias sobre os problemas sociais e políticos de determinada sociedade, discutem questões de estética para pensar os padrões de beleza, além de tratarem sobre as diferenças na sociedade, sempre havendo aqueles que claramente possuem mais benefícios que outros e o quanto isso parece ser, ainda que superficialmente, aceito.

Ainda que haja uma resistência da academia em trabalhar essas literaturas, principalmente, fora de uma prática de formação do leitor, mas sim a partir da análise do conteúdo dos livros, já há grupos de pesquisa que articulam o estudo de obras recentemente publicadas, reconhecidas como *best-sellers* para tratar de questões pertinentes no âmbito político, social e cultural. Não se trata do estudo de recepção propriamente, mas de análise literária para observar as conexões entre literatura e estudos culturais, literatura comparada, etc. Cabe observar, no entanto, que os textos produzidos academicamente para tratar sobre essas obras não necessariamente chegam para os leitores jovens-adultos.

A literatura distópica, nos últimos anos, ganhou o público infanto-juvenil e obras como *Jogos Vorazes*, *Divergente* e *Feios* são algumas de destaque. No Brasil, a aceitação desse tipo de literatura foi tão presente como em outros lugares do mundo. Em uma reportagem da *Veja* de 2013 há números dos exemplares comercializados em 2012 da série *Jogos Vorazes*, bem como uma discussão sobre a relevância desse tipo de literatura para esse nicho do mercado editorial:

Em comum, essas sagas têm protagonistas adolescentes açoitados por governos totalitários e ambientes violentos. Além de boa vendagem, claro. Juntas, as séries já tiveram mais de 800.000 exemplares comercializados no Brasil, especialmente a partir de março de 2012, quando a história da americana Suzanne Collins, com Jennifer Lawrence à frente, chegou às salas de exibição. *Jogos Vorazes*, sozinha, teve meio milhão de livros vendidos no Brasil [...]. (SITE DA VEJA, 2013)

Possivelmente, um dos pontos que permitem com que essas obras sejam aceitas é sobre a relação de verossimilhança que se estabelece no momento em que tais jovens começam a observar os problemas sociais e políticos do país, bem como a tomada de consciência acerca do valor do jovem em uma sociedade. A relação com as manifestações acerca do passe livre, em 2013, por exemplo, mostrou para os jovens que eles deveriam ir para as ruas, que eles tinham poder e voz e que era importante fazer uso deste para que algo fosse revisto na sociedade. Desde então, não faltou motivos para relacionar realidade e ficção, em que cada vez é mais evidente as semelhanças.

Um dos exemplos da influência da literatura distópica nessas manifestações é a relação entre elementos presentes na história contada pela narradora de *Jogos Vorazes* e os cartazes nos protestos em 2013, que marcou a história brasileira pelo grande engajamento de jovens nas ruas defendendo desde a redução na passagem de ônibus e chegando a protestos contra a violência policial, racismo, homofobia e corrupção.

Durante as manifestações ocorridas no Brasil em junho, era comum encontrar nas ruas [...], adolescentes segurando cartazes com as frases “Toda revolução

começa com uma faísca” e “Se nós queimarmos, você queimará conosco!”, ambas retiradas da trilogia Jogos Vorazes. (SITE DA VEJA, 2013)

Aqui já é possível entender um dos pontos de conexão entre a literatura distópica e as discussões de aspectos acerca das humanidades. Ainda que, de forma indireta, a literatura proporcione discussões relevantes para a sociedade, fazendo com que as discussões que de alguma forma não chegam para esses jovens-adultos com frequência, seja pelo sucateamento das escolas, seja pela dificuldade de acesso dentro dos espaços acadêmicos, estejam presentes em outros espaços.

Marjorie Perloff (2005) defende que a arte e a poesia (termo que usa para se referir à Literatura) já está presente nos espaços virtuais e que os espaços acadêmicos acabaram tornando-se obsoletos, de certa forma, para dar conta desses novos meios de divulgação dos trabalhos artísticos. Na citação abaixo, ela irá apontar aspectos que evidenciam esta crise, fazendo uma relação com os currículos das universidades e o que tem acontecido fora do espaço acadêmico:

O que dizer, então, da “crise” nas humanidades? Dado o surpreendente interesse por obras de arte e poesias manifestado na Internet, a crise é talvez mais aparente do que real? Sim e não. Dentro da academia, e especialmente nos departamentos de literatura, é bastante real, como indicam a redução das matrículas e o mercado de trabalho deprimido. Mas esses fenômenos podem muito bem ser sintomas de outra coisa - uma inadequação entre um currículo antiquado e os interesses reais de alunos em potencial. O principal impulso das mudanças curriculares nos cursos de inglês nas últimas décadas tem sido a mudança na atenção dos escritores principais para os das minorias e, portanto, incluir muitos mais poemas e ficções de grupos raciais e étnicos sub-representados, bem como de mulheres. Mas sem noções claras de por que vale a pena ler textos literários, seja por escritores estabelecidos ou marginalizados, em primeiro lugar, o estudo da “literatura” torna-se nada mais do que uma tarefa árdua, uma forma de satisfazer os requisitos de distribuição. (PERLOFF, 2005, p. 678 – 679, tradução nossa, grifos da autora)<sup>10</sup>

Procurando uma relação com a realidade apresentada por Perloff (2005) e o que procura-se discutir neste ensaio, acredita-se que a formação dos estudantes de letras, em grande parte das universidades é de qualidade, pois há um trabalho com os estudos literários que, ainda que priorize os clássicos, traz discussões relevantes a partir de um aspecto social e político. O problema dos estudos de literatura dentro das universidades e das escolas está na seleção de obras a ser estudada e na exclusão de valor de obras contemporâneas, principalmente, aquelas que se enquadram em *best-sellers*. Ao que tudo indica, o próprio termo best-seller já parece ser um indicativo de literatura menor dentro dos espaços acadêmicos, o que parece irônico, pois ao excluir uma obra pelo seu número de exemplares vendidos, também exclui-se um grupo de leitores e discussões possíveis para temas acadêmicos. Além disso, outra crítica acerca da formação dos estudantes de letras é que eles acabam perdendo o gosto pela leitura por prazer, seja pela quantidade de obras que precisam ler e analisar, seja pelo constante discurso de que a leitura deve ser algo que tenha sempre um

<sup>10</sup> Do original: *What, then, of the “crisis” in the humanities? Given the astonishing interest in artworks and poetries manifested on the Internet, is the crisis perhaps more apparent than real? Yes and no. Within the academy, and especially in literature departments, it is real enough, as the shrinking enrollments and depressed job market indicate. But these phenomena may well be symptoms of something else—a bad fit between an outmoded curriculum and the actual interests of potential students. The main thrust of curriculum changes in English courses over the past few decades has been the shift in attention from major writers to minority ones and hence to include many more poems and fictions by underrepresented racial and ethnic groups as well as by women. But without clear-cut notions of why it is worthwhile to read literary texts, whether by established or marginalized writers, in the first place, the study of “literature” becomes no more than a chore, a way of satisfying distribution requirements.*

sentido e/ou fundado em bases teóricas sólidas. Logo, torna-se árduo o estudo da literatura dentro da academia, pois precisa-se sempre encontrar argumentos para a defesa daquilo que se lê.

Fora do espaço acadêmico, ao tratar da formação do leitor, sabe-se que não se está falando de uma formação que siga à risca aquilo que é indicado pela academia. Ao contrário, muitos jovens estão distantes dos clássicos, justamente por se tratar de uma literatura que, apesar de importante em um cenário histórico, em muitos casos não possuem uma linguagem acessível para os leitores jovens. A leitura entra fora do espaço escolar, e traz uma literatura que também não é aceita e/ou discutida dentro do espaço escolar e universitário. Aqui talvez seja possível fazer uma relação direta com o que foi defendido por Marjorie Perloff, se o espaço escolar e acadêmico propõe discussões acerca das humanidades que não são interessantes, se esses espaços não dialogam com outros campos do conhecimento, ele entra em crise. Observe, no entanto, que a crise está muito mais no modo como tais discussões são colocadas do que, de fato, na existência dessas discussões. Entra em crise um modelo de discussão, uma formação excludente e que privilegia somente o clássico e/ou renomado. O diálogo não para de acontecer, mas se fecha para os espaços que não aceitam outros modos de discutir questões relevantes para a sociedade.

Tais distopias infanto-juvenis também trazem uma perspectiva um tanto distinta das distopias clássicas. Alguns pontos que tornam esse texto mais atrativo para tal público é as personagens, facilmente identificadas com o público alvo, além também de trazer desfechos mais apelativos, romance entre personagens que cativam mais o leitor jovem. Independente disso, no entanto, as discussões distópicas não se tornam plano de fundo, muito menos são minimizadas em virtude de um fator romântico. Elas coexistem. Além disso, é evidente que a linguagem proposta em obras mais recentes torna o texto muito mais próximo do seu leitor, o que garante maior identificação e aceitação do público para realização da leitura. Segundo Cerqueira (2017), há uma abordagem diferente acerca do posicionamento e desfecho. Há uma abertura nos finais para que as mudanças ocorram de forma menos agressivas e com a esperança de um futuro melhor. Ela diz:

[...] é importante traçar uma certa diferença entre as distopias clássicas e as infanto-juvenis. Entre as clássicas, é possível identificar uma maior tendência pela distopia tradicional ou genérica. Esse tipo de distopia diz respeito a um modo sombrio e pessimista de representação da realidade, [...]. Se existe alguma esperança nas distopias tradicionais, ela se apresenta somente ao leitor, através do alerta que pode impulsioná-lo a buscar um futuro melhor. Esse é o caso de *1984* e *Admirável Mundo Novo*, por exemplo. Entre as distopias contemporâneas infanto-juvenis, no entanto, parece haver uma maior tendência pela distopia crítica. [...] São, portanto, distopias que geralmente resistem a um desfecho conclusivo, preferindo finais abertos, nos quais se inscreve o impulso utópico. (CERQUEIRA, 2017, p. 4926)

Discorda-se da pesquisadora quando ela diz que as distopias clássicas não traçam um “impulso utópico”, pois o papel da distopia é trazer tais discussões, justamente, para pensar em um futuro um pouco melhor, uma saída para o futuro que consiga trazer algo mais promissor, ou ao menos evitar que tais acontecimentos alertados na obra ocorram de forma semelhante na vida real. O final aberto para os leitores de literatura infanto-juvenil pode apenas ser uma forma de abordagem pensada para o público, sem tantas entrelinhas, um final mais aberto, porém com uma margem interpretativa mais evidente, que direcione o leitor a esperança já proposta quando decide-se alertar sobre os fatos.

[...] a “distopia”, aparece como a aniquilação das possibilidades de dias melhores aos homens. No entanto, ao realizar a denúncia ou revelação da desumanização do homem, não deixa de incutir, em seu próprio argumento, a esperança. A realidade, portanto, retorna com crueza para conscientizar o leitor real do

presente sobre as sombrias consequências de seus atos para o futuro.  
(VALENTE, 2010, p. 71)

Assim, ao avisar sobre os acontecimentos futuros também se está problematizando aquilo que academicamente é discutido, bem como é abordado dentro do ambiente escolar, mas de uma forma mais poética, por vezes lúdica e atrativa. O problema também, por trazer elementos que dialogam com a realidade, uma linguagem mais acessível, bem como um espaço de discussão onde não há uma necessidade de certeza teórica, mas de percepções acerca do mundo e de leituras possíveis.

Outro ponto a ressaltar é que se há maior número de publicações de literatura distópica, é porque parece haver uma necessidade em trazer assuntos políticos, sociais, ambientais e de padronização estética para o público jovem, bem como adultos, de uma forma a problematizar as decisões e ações tomadas atualmente. Ainda que não seja papel do escritor abrir os olhos dos leitores, é perceptível que as questões que tais obras possuem uma preocupação com tais questões, de modo que elas surgem como uma forma de problematizar aspectos presentes na sociedade contemporânea. E, dentre todos os gêneros possíveis, acredita-se que a literatura distópica consegue propor uma discussão que projeta os acontecimentos e sugere alguns resultados de tais escolhas.

## CONCLUSÃO

Acredita-se que a desvalorização das humanidades é algo inquestionável dentro do espaço acadêmico, bem como fora dele, e observa-se, assim como apontado por Marjorie Perloff (2005), que há uma necessidade de mudar o modo de abordagem desses tópicos, além de ampliar essas discussões para fora do espaço acadêmico, que acaba tornando-se um grupo seletivo de pessoas, bem como de frentes teóricas. Dentre as opções que poderiam tornar essas discussões mais acessíveis, há a literatura como um meio de tornar mais acessível ao público fora do espaço acadêmico discussões centradas, em sua grande maioria, ao público universitário das áreas das humanidades.

No Brasil, os inúmeros acontecimentos políticos, sociais e ambientais colocam o distopia como um espaço presente e, defendendo aqui, que a recepção de leituras distópicas pelo público jovem-adulto, bem como o aumento de produções de distopias brasileiras – algo não muito reconhecido na literatura do país – dá-se em função da necessidade de encontrar espaços de debate para assuntos alarmantes e abafados. Ainda que outros gêneros também tragam tais discussões, entende-se que a trajetória do herói, a projeção das consequências de ações tomadas e a narrativa projetada para a recuperação de um estado menos caótico são aspectos que fazem a literatura distópica mais ampla para as discussões. A relação entre ficção e realidade enfatiza os aspectos problemáticos das obras e dialogam com o perfil do jovem-adulto, bem como com as preocupações sociais e políticas desse grupo.

Assim, acredita-se que a literatura distópica infanto-juvenil é um novo espaço para a discussão das humanidades e que deve ser olhada com atenção pelos professores de escolas, pois são geradores de debates constantes e estão presentes na realidade de leitura de muitos jovens, além de possivelmente atrair aqueles que são mais resistentes à leitura. Além disso, a existência de debates que se aproximam das inquietações políticas e que tratam de aspectos das ciências humanas fora do espaço acadêmico são enriquecedores e proporcionam discussões que retiram o peso teórico sem perder a legitimidade dos debates. O movimento de entrada dessas discussões através da literatura, por si só, já garante uma inversão de papéis que não diminui as abordagens teóricas e que permitem um debate mais democrático e que dialoga mais facilmente com tal público.

Nos espaços universitários talvez seja mais resistente tal mudança, pois não se está falando apenas de uma formação em letras, mas de teorias que atravessam as ciências humanas, letras e artes. Apesar disso, é sabido que as novas gerações de estudantes universitários teriam contato com tais obras e, portanto, o diálogo poderia ser facilitado. Além disso, se o conhecimento deve ser compartilhado, é importante fazer com que ele se torne acessível em todos os espaços e não que seja uma forma de elitização. Saber fazer as discussões humanas acessível a todos os públicos é o que garante que elas sejam disseminadas e que sua importância seja ressignificada, fazendo com que as teorias das áreas de humanas voltem a ser fundamentais na formação de todos, inclusive do próximo – que esperamos não ser o mesmo – presidente da república.

## REFERÊNCIAS

BBC NEWS – BRASIL. Os seis números que resumem os seis meses da Educação na gestão Bolsonaro. Publicado em 30 de junho de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48699037>>. Acesso em: 02 de out. de 2020.

BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451*. São Paulo, Globo, 2007. Tradução: Cid Knipel.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. Discurso do Presidente da República Jair Bolsonaro na abertura da 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2020/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-abertura-da-75a-assembleia-geral-da-organizacao-das-nacoes-unidas-onu>>. Acesso em 24 de set. de 2020.

BRASIL. CNPQ – [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico]. Edital Nº 09/2020 - Bolsas de Produtividade em Pesquisa. Disponível em: <[http://cnpq.br/chamadaspublicas?p\\_p\\_id=resultadosportlet\\_WAR\\_resultadoscnpqportlet\\_INSTANCE\\_0ZaM&idDivulgacao=9623&filtro=encerradas&detalha=chamadaDetalhada&id=58-107-6827&fbclid=IwAR2ZshVHS-j-OnKjcsTbNvTCR7l4viKt4t8R8F5\\_TTB-XT5H3RvRDa3BZ0](http://cnpq.br/chamadaspublicas?p_p_id=resultadosportlet_WAR_resultadoscnpqportlet_INSTANCE_0ZaM&idDivulgacao=9623&filtro=encerradas&detalha=chamadaDetalhada&id=58-107-6827&fbclid=IwAR2ZshVHS-j-OnKjcsTbNvTCR7l4viKt4t8R8F5_TTB-XT5H3RvRDa3BZ0)>. Acesso em: 13 de set. de 2020.

CERQUEIRA, Juliana Radosavac Figueiredo. Adolescência sombria: das distopias às distopias infanto-juvenis. In: KRETSCHMER, Johannes; SOARES, Marcus Vinícius Nogueira; MELLO, Maria Elizabeth Chaves de (Orgs.). *Caderno de Programação – XV Congresso Internacional da ABRALIC – Textualidades Contemporâneas*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018, p. 4921 – 4928.

CLAEYS, Gregory. The origins of dystopia: Wells, Huxley and Orwell. CLAEYS, Gregory (Ed.). *The Cambridge companion to Utopian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 107 – 134.

COLLINS, Suzanne. *Jogos Vorazes*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2010, 397p. Tradução: Alexandre D'Elia.

COLLINS, Suzanne. *Em Chamas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, 413p. Tradução: Alexandre D'Elia.

COLLINS, Suzanne. *A Esperança*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, 421p. Tradução: Alexandre D'Elia.

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Globo, 2008.

GEISLER, Luisa; FERRONI, Marcelo; POLESSO, Natalia Borges; DE MACHADO, Samir Machado. *Corpos Secos*. Porto Alegre: Alfaguara, 2020, 192 p.

ORWELL, George. *1984*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 414p. Tradução: Alexandre Hubner, Heloisa Jahn.

PERLOFF, Marjorie. Crisis in the humanities? reconfiguring literary study for the twenty-first century. In: PATAI, Daphne; CORRAL, Will H. *Theory's Empire: An Anthology of Dissent*. New York: Columbia University Press, 2005, p. 668 – 683.

ROTH, Veronica. *Divergente*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2012 [2011].

ROTH, Veronica. *Insurgente*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2013 [2012].

ROTH, Veronica. *Convergente*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2014 [2013].

TIBURI, Márcia. *Sob os pés, meu corpo inteiro*. São Paulo: Editora Record, 2018, 181 p.

VALENTE, Thiago Alves. Utopia, distopia e realidade: um novo verismo na literatura para jovens. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 70-74, jul./set. 2010.

VEJA. O mundo cruel e rentável da distopia infanto-juvenil. Publicado em: 10 de novembro de 2013. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/o-mundo-cruel-e-rentavel-da-distopia-infantojuvenil/>>. Acesso em: 12 de out. de 2020.

VIEIRA, Fátima. The concepto f utopia. CLAEYS, Gregory (Ed.). *The Cambridge companion to Utopian Literature*. New York. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 03 - 27.

WESTERFELD, Scott. *Feios*. São Paulo: Galera Record, 2010.

WESTERFELD, Scott. *Perfeitos*. São Paulo: Galera Record, 2010.

WESTERFELD, Scott. *Especiais*. São Paulo: Galera Record, 2010.

WESTERFELD, Scott. *Extras*. São Paulo: Galera Record, 2010.

*Submetido em novembro de 2020*

*Aprovado em dezembro de 2020*

**Informações do(a)s autor(a)(es)**

Luana de Carvalho Krüger  
Doutoranda em Letras, Universidade Federal de Pelotas  
*E-mail:* luana-kruger@hotmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9559-4264>  
*Link* Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8468962327847323>

Eduardo Marks de Marques  
Professor Associado III, Universidade Federal de Pelotas  
*E-mail:* eduardo.marks@ufpel.edu.br  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3067-7237>  
*Link* Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9216599540037680>